

SOBRE O GIDE DE LACAN¹

JACQUES-ALAIN MILLER

I - Respeitemos a máscara

O estilo de Gide, segundo a concepção de Jean Delay, retomada por exemplo por Maurice Nadeau em sua introdução dos *Romances* de Gide na edição da Plêiade, é o diagnóstico crítico recebido, que considera que Gide jamais pôde ser verdadeiramente um romancista, que ele próprio o sabia, que chamava de "narrativas" seus pretensos romances, e de uma "Sotia" "*Les caves du Vatican*". Não tentou o romance senão com *Les faux monnayeurs* (*Os moedeiros falsos*) qualificado pela crítica, antes, como fracasso literário. Nadeau considera que o que impediu Gide de chegar a ser verdadeiramente um romancista foi a "introversão geral de sua personalidade", que lhe tornou difícil dar substância e cor - inclusive, para retomar a expressão de Lacan, "cor de sexo" - às suas personagens, muito pouco descritas. Até *Les faux monnayeurs* elas o são apenas a partir de um ponto de vista único, o do narrador, sem que se perceba muito bem sua espessura. As personagens são muito antes funções que gravitam em torno de sua própria perspectiva. O esforço para obter perspectivas diversas em *Les faux monnayeurs* não é considerado pelos críticos como um sucesso.

No fim das contas, tem-se a impressão de que os êxitos literários de Gide se produzem quando ele assume sua própria posição, quer seja em *La porte étroite* ou em *Thésée*, que são como que diários de ordem superior. *La porte étroite* é um diário do narrador, com o diário de seu *vis-à-vis*, e *Thésée*, uma narração na primeira pessoa. Isto parece indicar que aí se encontra a corrente principal da criação em Gide, que continua no seu *Diário*:

esta narração que duplica sua vida, na primeira pessoa. Suas criações literárias são como que deste comentário "egológico", e mais uma certa formalização. Mesmo *La porte étroite* é um fragmento de sua biografia, formalizado e condensado.

Tem-se então a tendência de dizer que o estilo encontrado por ele - se quisermos falar do estilo de Gide no singular - vale como solução para seu sintoma. As peças do dossiê vão majoritariamente no sentido de uma narração "egológica" contínua. A criação literária recolhe os episódios de sua vida e os formaliza. Resumo aqui uma concepção de Gide, senão clássica, ao menos aceita.

Todo o esforço de Delay ao fazer esta cesura sobre a juventude de André Gide, e seguir o processo de instalação de um estilo, uma solução produzida pelo próprio Gide, sem o concurso de qualquer analista. As palavras de Lacan vão neste sentido: ele evoca a "composição" da pessoa, a "construção", a "fabricação". Adota o corte de Delay, que, com efeito, está situado com muita justeza. É apenas depois deste processo que nos deparamos com André Gide enquanto tal - com a idade de vinte e cinco anos. Alguém que tentou continuar o trabalho de Delay, trata-se de Claude Martin, adota também esta cesura, que considera como aceita, já que escreve em seguida *A maturidade de André Gide*.

A criação literária de Gide está então marcada pelo Eu (Je). Há como que uma fatalidade, um peso deste Eu em sua obra. No que concerne ao seu estilo, tal como este permanece na literatura, parece-me possível sustentar que ele não se formou senão apenas no fim deste período chamado de sua juventude.

Tentemos caracterizá-lo. É um estilo que passou seguramente pelo crisol do simbolismo, mas que se despojou de numerosas afetações suas, e forneceu à literatura

francesa do século vinte um modelo de pureza, de classicismo, uma tonalidade de base que inspirou a *Nouvelle Revue Française*. Este lapso, este ato, falho, que foi a rejeição pela *Nouvelle Revue Française* de *Em busca do tempo perdido* já está inscrito no estilo de Gide, da mesma maneira que a dificuldade de acesso a Joyce, se bem que seu tradutor fosse Yalery Larbaud, ligado a *Nouvelle Revue Française*. O resultado é que o público vai atualmente buscar o picaresco, a vida romanesca, nas grandes criações dos romancistas latino-americanos ou nos romances norte-americanos.

Admitamos que André Gide tenha um estilo clássico, muito "egológico", que prossegue a tradição da *Princesa de Clèves* e de Marivaux. Pois bem, em a *Juventude de André Gide* estamos no nível em que isto se cozinha, e de uma maneira um pouco suja. Obteremos como resíduo, como produto desta decocção, um estilo muito puro. Pôde-se empregar a palavra "norma" para qualificá-lo, já que se impôs como uma espécie de ideal. O paradoxo divertido é que, do ponto de vista sexual, Gide era um "anormal" enquanto que seu estilo valeu no século como modelo ideal do uso da língua francesa.

Poderíamos dizer que é um estilo que possui alguma coisa de angélico - termo que tem seu lugar na clínica de Gide -, que tem um contato extremamente delicado com aquilo de que se trata, com sua referência. É como uma carícia do sujeito, uma delicadeza sem afetação, não obstante alardeada. Suas notações sobre os pequenos detalhes do estilo são extremamente instrutivas. A última nota de seu *Journal*, em junho de 1949, é a seguinte: "Hugo se compraz em fazer rimar duas sonoridades ditongas, uma valendo por duas sílabas, a outra por uma". Eis o que se poderia chamar uma delicadeza de crítica.

Em suma, um estilo angélico, que algumas vezes se acanalha um pouco. "Um dos encantos dos *Caves du Yatican* - não sei se tem encanto para todo mundo, mas para mim esta

'Sotia' o tem - é o de falar de coisas que são por vezes bastante repugnantes, nesta língua que permanece angélica mesmo se o próprio Gide diz ter aí empregado um estilo rústico, malicioso ou libertino". A descrição, por páginas e páginas, das pulgas, dos percevejos, das baratas, das diversas porcarias que cercam a pessoa do pobre Fleurissoire, é feito no estilo delicado do *Traité du Narcisse*.

Deixemos a questão do estilo e retornemos à questão clínica. Se levamos em conta a abordagem lacaniana do caso - utilizo a palavra "caso" porque é um termo que não repugna a Lacan utilizá-lo a respeito de Gide - observamos que o termo perversão está ausente deste texto, e que a palavra fetiche só aparece nele uma só vez. Pode-se, portanto, aparentemente ir bastante longe na construção, na formalização deste caso, sem utilizar o termo perversão.

Por outro lado, este texto esconde um segredo bastante aparente. No momento em que escreve, Lacan está na posição de agradecido para com Jean Delay, na medida em que este dá abrigo a seu seminário em Saint-Anne. É necessário admitir que esta situação de agradecido afeta um pouco a crítica. Em todo caso, quando o livro de Delay chega por intermédio de *Critique* nas mãos de Lacan para resenha, não se espera certamente dele uma crítica arrasante. Por que viés o estudo de Delay chega a Lacan? Eu o ignoro, mas podemos supor que o próprio Lacan o reclamou, ou que, como é corrente, o autor pediu que fizessem uma resenha e, como Lacan tinha relações com esta revista, este compreendeu o que lhe cabia fazer. Seja como for, é uma das componentes do estudo.

Entretanto, é inegável que Lacan não tem de se esforçar para homenagear o trabalho de Delay, que, tenha ele sido em parte feito às apalpadelas, é uma obra na qual logo encontramos o que dela retirar. Aliás, penso que o texto não teria sido integrado a coletânea dos *Escritos* se

não houvesse uma harmonia de perspectiva entre Delay e Lacan, e se não fosse nos traços de Delay que Lacan decifra o texto de Gide. Existem numerosas referências precisas a Delay, ao longo de seu estudo, onde o foco está colocado no bom lugar. Corrijo, portanto, o que eu disse: há uma certa afetação no texto de Lacan, mas isto em nada retira a estima que merece o trabalho de Delay. A única coisa que se pode dizer é que as notações a respeito das quais Lacan, para qualquer outro que não Delay, teria manifestado uma ironia ácida, não figuram na resenha. Por exemplo, o retrato por Delay do "nervoso fraco", categoria na qual este supõe que Gide se inscreve, falta-lhe um pouco de envergadura. Delay considera com efeito que "o futuro literato, o futuro filósofo, sofre muitas vezes destes estados sintomáticos, de um leve afastamento da realidade ambiente e que ele se encontra distante da ação em proveito da reflexão e de um gosto por seus pensamentos". A tipologia do nervoso fraco enquanto predisposto para a literatura e a filosofia, apresenta uma sintomatologia que, enquanto tal, não está verdadeiramente articulada: não é muito específica, ela é por demais ampla. O que ressalta Delay, a "impressão de estar desdobrado em ator e espectador"², é verdadeiramente transcategorial, transclínica.

Janet figura nas referências de Delay. Lacan o nota, e para criticar Janet, utiliza as próprias munições dadas pelo censo que fez Delay, pois este levanta um certo número de termos em Gide, os serializa e aplica a grade janetiana. A crítica de Lacan consiste em dizer que é melhor conservar os termos de Gide do que lhes aplicar esta grade já que são muito mais precisos. Em sua nota³ Lacan não assinala que o levantamento dos termos foi feito por Delay, o que dá a impressão de que este está ausente do debate. Lacan indica portanto que prefere a autoclínica gideana. Considera que é necessário distinguir os estados do eu da posição do

sujeito. Num outro parágrafo, mais adiante, vocês verão distinta a divisão do eu, e em seguida, referida ao sujeito, a frase sobre a decisão e sobre a obstinação, a pertinácia que é a de Gide⁴.

Eu dizia que o texto de Lacan esconde um segredo bastante aberto que é o da posição de agradecido de Lacan para com Delay. Mas ele comporta um outro, o deste texto mesmo, que é relativamente alusivo, fechado sobre si mesmo, pouco explícito. Talvez isto se deva ao fato de Lacan dirigir-se a um público que não é o seu, numa revista que nada tem a ver com a psicanálise. Até então ele se mantinha, antes, isolado, excetuando seus discursos para os filósofos. Não temos portanto o estilo dos textos que foram e serão publicados na revista *La psychanalyse*. Aparece um certo esforço literário que, pouco a pouco, vai diminuir em Lacan. O texto comporta muitas imagens, que são bastante envoltas, entre as quais ressalto em particular a evocação da "temível passante [...] cuja sombra está apenas perfilada" e que "deixa sempre deserto o aposento de vantagem que ela tem sobre Delay no percurso do apartamento". O que evoca esta imagem? - no texto de Lacan é seguida pouco depois de uma notação: "este vazio". Mas onde está o vazio? Não temos suas referências legíveis no que precede. No nível do próprio texto flutua como que um perfume de mistério, se bem que Lacan não tenha deixado de nos mostrar o que se ocultava no chapéu. Nesta artimanha que ele está em vias de apresentar diante de nós, ele nos diz de fato que é aí que reside a questão, ele inclusive a mostrou a nós na correspondência. Mas um ar de mistério persiste no entanto neste texto, ao menos nesta expressão: "o segredo do desejo, e com ele o segredo de toda nobreza", que dá água na boca. Qual é o segredo do desejo? Este texto conserva todo seu interesse se o tomamos pelos mistérios mesmos que Lacan nele deixa planar.

Notemos o termo imissão, que é próprio de Lacan e não

aparece em Delay. Ele retorna duas vezes no texto - sendo a imissão pessoal de Lacan de acrescentar ao termo de Delay o tema da correspondência, quer dizer aproximar o enorme ensaio de Delay do pequeno livro de Schlumberger. Assim fazendo, acrescenta um elemento que fazia falta, mesmo se a ele se alude, ao livro de Delay. Mas é verdade que o episódio-chave sai do período da juventude enquanto que o livro se fecha com o casamento não consumado de Madeleine. O que concerne a vida do casal permanece fora do *corpus*. Mas era o elemento suplementar, e como diz Lacan, a "peça faltante".

Esta *Juventude de Gide* poderia se chamar "A criação de André Gide". Com efeito, assiste-se nela a criação por si mesmo, ao "auto-engendramento" de André Gide - com todas as aspas que se impõe, pois isto se faz é certo com relação ao Outro - o qual tem um acabamento em um nível por nós agora esquecido em Lacan, que o retoma de Delay, que o chama de *persona*. Isto não deixará de ter ecos em Lacan, uma vez que em seus textos "A direção do tratamento e os princípios do poder" e "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache": "continua ressoando esta questão sobre a pessoa. Os 'ideais da pessoa' para qualificar a instalação do ideal do eu, do eu ideal", tudo isso encontra sua origem no livro de Delay. Em Lacan, nós perdemos um pouco deste tema da pessoa. Aqui, estamos em um momento no qual as coisas, para ele, estão mais complicadas do que se tornarão depois de seu trabalho sobre a lógica do significante e sua confrontação bruta com o real, de algum modo esvaziado. Aqui, pelo contrário, temos todas as ondulações, todo o labirinto - é o próprio termo de Lacan - que o momento no qual nos ocupamos da *persona* comporta.

Uma das coisas mais marcantes desta exegese, é que para nós do ponto de vista clínico constitui a chamada absolutamente importante, é que não estamos aqui absolutamente a considerar que com cinco anos, tudo está

decidido para o sujeito. Um dos aspectos de estranheza, de "é(s)tranhamentos" (*estrangements*) que podemos experimentar para com esta abordagem, vem do fato de que o processo determinante para o sujeito prossegue na adolescência, e até vinte e cinco anos. Assistimos - Delay nos faz assistir - um processo que prossegue na juventude e que tem, portanto, a vantagem de valorizar instâncias e funções, que não parecem evidentes quando permanecemos no pré-edipiano e no edipiano. Tomemos, por exemplo, o fato que aparece em Delay como o término deste processo, aliás curiosamente chamado por Lacan de a "mensagem" de Goethe. Temos aí um jovem que lê quase tudo o que lhe cai sob os olhos, que não se vê jamais sem um livro na mão - Delay se diverte em fazer a lista de todos os autores citados por Gide em *Les cahiers de André Walter*, e isto constitui toda uma biblioteca; o livro tem o ar de um repertório de citações. Eis que este leitor ávido cai sobre Goethe. Ele já tem vinte e um anos, não é um garotinho e se põe a ler.

Concedamos seu valor ao termo que emprega Lacan neste momento: ele fala do "efeito decisivo" da mensagem de Goethe sobre André Gide. O interesse desta abordagem clínica é de nos fazer modificar o marco pré-fixado de nossas referências. Alguém de ascendência camponesa me falava ontem de um pequeno cercado onde os bezerros são recolhidos para ficarem tranquilos, de onde são retirados para a mamada, para serem encerrados aí em seguida. A palavra em patoá para designar este cercado é *castou* (redil). Pois bem, temos nosso pequeno *castou*, e este texto amplia brutalmente o horizonte. Graças a Delay, graças também ao trabalho de elaboração de Gide, saímos destes limites, e abre-se diante de nós um horizonte mais complexo, onde um processo suscetível de efeito decisivo prossegue até vinte e cinco anos. A ideia é antes sedutora.

A palavra "decisiva" é empregada pelo próprio Delay para qualificar a leitura de Goethe. Lacan nota que, antes

de Delay, apenas a mãe de Gide se apercebera deste efeito decisivo: Goethe não era apenas um autor de quem Gide gostava mais do que os outros. Concedamos, portanto, todo seu valor a este termo "decisivo", se bem que ele não seja desenvolvido no texto de Lacan. A mensagem de Goethe de certa forma a estofa, põe um ponto de basta na *persona* de Gide.

Na correspondência de Gide com sua mãe, assistimos a uma rixa de morrer de rir entre os dois correspondentes - o livro de Delay fornece grandes passagens, mas é bruto.

Gide está na Argélia, tem um jovem empregado; ele já esteve ao mesmo tempo atraído e um pouco repugnado pelos costumes, as maneiras de agir de Lorde Douglas, o amante de Oscar Wilde com quem cruzou por lá. Não é um bom encontro, segundo a moral pública e segundo sua mãe. Ele acompanha Douglas às sentinas e, num dado momento, assiste à copulação de Lorde Douglas e de um rapaz com o qual ele já se deparou antes. Vê Lorde Douglas com uma grande capa, curvado sobre o corpo pequeno do garoto, "como um vampiro". Ele experimenta um profundo nojo.

Temos aí uma indicação muito precisa sobre o tipo de homossexualidade de Gide. A lição de Lacan no seu texto, e a de Delay também é de insistir sobre a particularidade do caso e de por em questão a unidade desta categoria clínica: a homossexualidade masculina.

Ao mesmo tempo que está repugnado pela maneira de fazer, o modo de gozar de Douglas, Gide tem vontade de fazer a mesma coisa. Escreve então a sua mãe uma carta de morrer de rir para lhe dizer, *en passant*, que ele pretende levar para Paris seu jovem criado Athman - de quem temos a fotografia - que o jovem será de grande utilidade para dar uma ajuda à velha Marie, que encontrou nele um recruta de primeira. A última correspondência entre Gide e sua mãe gira em torno deste projeto. Ela lhe explica, com argumentos bastante razoáveis, que este pobre rapaz

argelino de quinze anos ficará completamente perdido em nossa terra, que ele já não faz nada estando, e que fará ainda menos quando estiver aqui. Gide defende seu desejo, passo a passo, até o momento em que cede. Este diálogo entre Gide e sua mãe é verdadeiramente impagável, eu o recomendo como distração. A mãe tem razão, será muito difícil fazer vir para Paris este rapaz, e nós a vemos esmagar o desejo de Gide com seu espizinhar, tanto mais terrível porque ela tem razão.

É nesta ocasião que ela incrimina Goethe. Inquieta, ela lhe mostra que se ele traz seu pequeno argelino, isto vai dar o que falar. Explicou aos amigos de Gide que ele atrasou seu retorno da Argélia porque sofre de enjoos e teme a travessia. Neste momento, ela apreendeu alguma coisa nos seus rostos: "Tendo surpreendido um sorriso incrédulo e cheio de subentendidos, tive de um golpe uma emoção dolorosa no coração, e num segundo compreendi os comentários que acolheriam tua aquisição. Pois enfim, suponhamos que Albert Saussine, Edouard Rondeaux, Pierre Louys ou qualquer outro de nossas relações nos conte isso; o que nós pensaríamos? E quantas vezes será a verdade? Podemos esperar escapar ambos a este comentário? E se ao menos você pudesse conservar isto em seguida, seria uma questão de dinheiro, e nada mais". Nesta mesma carta ressalta Goethe: "Goethe! Goethe! Goethe! É por seu gênio que ele domina, é de seu gênio que é necessário se imbuir e não de suas taras. E de resto não são suas taras que se vê nas suas obras e com as quais alguém se preocupa e que dominam o público. E por fim, querido filho, Goethe já viveu, está morto e enterrado, era no primeiro quarto do século que ele vivia, e nós já estamos bem perto do século vinte. E não existe apenas Goethe no mundo como grande homem".

Esta mãe, no meio de um debate onde parece não ter o que fazer, por três vezes jacula o nome de Goethe. E eis o

término do processo - a mãe vai morrer bem pouco tempo depois. Seu filho vai retornar da Argélia, e Gide tendo se tornado André Gide, *madame* Gide terá um ataque e morrerá neste mesmo ano. É uma escanção surpreendente desta história.

Não estamos mais na presença de um garotinho, mesmo se ele manifesta uma posição de dependência com relação a sua mãe. Para voltar um pouco atrás, quando falamos da função da sedução pela tia, ao menos na narrativa que dela temos, Gide é adolescente. Aí, ressaltemo-lo ainda, estamos sensivelmente além de nosso marco pré-fixado, pré-edipiano e edipiano, deparamo-nos com um acontecimento, com um encontro tardio com relação a primeira infância. Notemos ainda que Gide sempre falou - segundo Delay - de sua partida para a Argélia como uma má decisão, que teve consequências nefastas. Se minha lembrança é boa, próximo ao final de sua vida, falando a Henri de Regnier, ele diz que foi um "terrível erro de orientação".

Em outras palavras, ele continua por muito tempo a entreter a ideia de que a partida para a Argélia foi muito importante. Quando ele embarcou com seu colega - posto que são dois - partem para a tentação da carne, e não podemos dizer que haja uma escolha complementemente decidida sobre a encarnação desta tentação da carne. Em todo caso Gide quis entreter esta ficção. Na verdade, a escolha é bem anterior, mas faço aqui a lista dos momentos decisivos que são bem posteriores a este período formativo inicial da primeira infância.

Corrijamo-nos no entanto, ressaltando que o próprio Lacan indica a grade de leitura, o matema que ele propõe como chave para André Gide - o que ele elaborou para todos os usos, a saber o matema de quatro cantos de A, a-a' e do sujeito como significado. Diz explicitamente que não vai desenvolvê-lo neste texto, já que seus elementos foram encontrados pelo próprio Delay. Remete aos cabeçalhos dos

capítulos mesmos de Delay, que vai enumerar. É por isso que ele lhe dá esse cumprimento, que basta ser rigoroso para que as coisas se ponham no seu lugar como um matema. O fato apenas de que Delay seja rigoroso na abordagem do caso faz com que ele reencontre o que Lacan chama o "ordenamento do sujeito", que, nesta época, está para este matema dos quatro cantos. Logo depois desta observação Lacan nota que as criações do literato retomam e põem em cena os lugares que foram para ele necessários anteriormente: "se reproduzem nas criações do escritor, as construções mais precoces que mais foram necessárias na criança"⁵. Em outras palavras, tem-se a ideia de alguma coisa que se joga em partida dupla; uma primeira distribuição dos lugares da estrutura ordenada do sujeito é reduplicada nas criações do escritor.

Um traço absolutamente marcante é que a homossexualidade de Gide não retém tanto Lacan neste texto. Digamos que ele presta pouca atenção a escolha do objeto homossexual. É por outras vias que temos precisões sobre esta escolha de objeto, sobre os meninos pequenos, com menos de sete anos de idade, a pele mais para morena, que se trata de acariciar, em face a face, sem penetração, e o *decór* natural muitas vezes tem seu lugar para acompanhar o êxtase deste orgasmo manual. O que concerne à escolha de objeto homossexual é inteiramente deixado no segundo plano por Lacan. Toda a sua análise está, pelo contrário, centrada sobre o amor único de Gide, quer dizer sua escolha de objeto heterossexual. Ao lado da multiplicidade destes meninos pequenos, houve uma mulher e apenas uma autenticamente amada.

Da mesma maneira que Lacan nos apresenta um Gide coberto de letras, homem de letras, por excelência, temos aqui um Gide coberto de mulheres. Quanto ao pai, trata-o muito rapidamente, o que é construído por Lacan como determinante - numa perspectiva mais ampla do que a de uma

psicanálise, já que aqui não existe psicanálise, mas estudo de textos - é a perspectiva do destino, para além do horizonte prático ou da técnica diagnóstica. Delay, por ingênuo que seja aqui e ali não o é neste nível porque conserva, graças a Gide também, o sentido do destino. Ora, no nível do destino, é com relação às figuras femininas que se inscreve a posição de Gide. A escolha de objeto heterossexual está no centro da coisa.

Levo em consideração o que está enviesado aqui pelo fato de que aqui não se trata de uma resenha exaustiva do caso, mas antes, de uma demonstração que diz respeito ao que Lacan "considera ser o problema em causa, o das relações do homem e da letra". E quando ele escreve "letra" aqui, não esqueçamos que ele é o autor do seminário sobre "A carta roubada" e de "A instância da letra". A "Juventude de André Gide" é o terceiro texto que completa este estudo da letra, pelo viés da correspondência.

Então, um amor único por uma mulher, e a reconstrução por Lacan do que ele chama no fim de seu texto de "o trio das magas fatídicas a se representar no seu destino": a mãe, a tia e Madeleine. Eis uma constelação absolutamente surpreendente, que responde a questão de Lacan, mas que poderia ser a de Delay: "Que foi para esse menino sua mãe?"⁶.

Acho belíssima esta questão, porque sobre ela recai todo o valor da particularidade do caso. Em que Lacan o introduziu? Sobre uma referência bastante bem conhecida: a incidência do personagem materno sobre o homossexual. Compreende-se aqui porque Winnicott se detera na mãe "suficientemente boa"; se a mãe "muito boa" existisse, sabe-se o cortejo de lamentações que se teria levantado do coro dos analistas para dizer "alto lá". A "mãe suficientemente boa" é mesmo, e inclusive vã, metáfora paterna em Winnicott. Partindo deste lugar comum, toda a ciência de Lacan, em primeiro lugar a de Delay, é de

"polimãezar" a mãe, de mostrar - para dizê-lo como Aristóteles - que "a mãe se diz em mais de um sentido".

A promoção da tia ao nível de mãe pede para ser sustentada. Temos os elementos de *porte étroite*, mas existem outros, e isto vale também para todas as mulheres que são afastadas e que se teria podido ver promovidas a este patamar, *rang* de mãe, se não fosse pela famosa governanta inglesa, Anna Shackleton. Ora, Gide opera, se posso dizer, uma seleção orientada do pessoal.

De onde parte Lacan neste exame? A mãe, sabemos quem é - sabe-se sempre quem é a mãe. E sabemos que no término do processo, o resultado não é apenas o estilo de Gide, mas o casamento não consumado, com um amor infinito e imóvel por Madeleine. Temos, portanto, um ponto de partida e um ponto de chegada que são sem equívocos. Lacan foi procurar o elemento mediador que os conecta, encontrou-o com esta tia. Partindo da mãe e considerando qual é o resultado, a saber um amor de uma fidelidade completa - mesmo se isto não impediu Gide de ter aventuras com outras mulheres - temos a busca e a promoção por Lacan da segunda mãe, que particulariza o caso.

II - Amor, desejo e dever

Existem de fato muitos pontos dos quais poderíamos partir de novo, já que fiz na última vez apenas uma introdução. Poderíamos por exemplo tomar sem delongar a expressão tão curiosa de Lacan "o segredo do desejo, e com este, o segredo de toda nobreza"⁷. Por que ligar assim o desejo e a nobreza? É mais divertido colocar para si este gênero de problema de saída do que conduzi-lo de maneira ordenada e demonstrativa; mas talvez isto seja um pouco desconcertante, e pediria para ser articulado com o que Lacan diz na mesma página da aristocracia e do mestre: o mestre, o aristocrata e o nobre representam posições exatamente semelhantes?

Eu tomava este exemplo para mostrar o tipo de questões que chegamos talvez a nos colocar com a leitura deste artigo. Sabemos que os textos de Lacan são férteis, se queremos realmente tomá-los assim, em oferecer conjunções surpreendentes que quando menos não são admitidas. Mais do que ter o sentimento de que quanto mais muda, mais é a mesma coisa, mais do que se entediar com uma terminologia que parece ser sempre a mesma, podemos provocar a nós mesmos para verificar, sobre tal passagem e em tal momento, que as conjunções, as aproximações, os próprios provérbios que Lacan propõe nada têm de banal.

Precisamente, tratando-se da perversão de Gide - para dizer a palavra que não aparece no texto - ela não é absolutamente abordada por Lacan de maneira *standard*. Seu esforço é de nos apresentar uma perversão não-*standard*, com a advertência do que este caso mesmo pode suscitar em nós - será um bom ponto de partida procurar o *standard* de uma estrutura clínica? Ora existem poucas clínicas que recorrem tanto ao *standard* como a da perversão onde, classicamente uma espécie de simplificação imporia uma norma, e quase uma norma psicanalítica, a que por duas vezes é lembrada por Lacan, a saber: a importância da relação com a mãe, que Lacan trata com um desprezo ao qual talvez não se deve deixar capturar.

Eis aqui a passagem em questão: "o encanto do já ouvido [...] que se obtém facilmente ao recordar a preponderância da relação com a mãe na vida afetiva dos homossexuais"⁸. A mesma coisa é dita um pouco mais acima. Lacan louva o livro de Delay de se ter poupado "do que o pedantismo psicologizante alçou ao drama da relação com figura materna"⁹. Podemos dizer que de início a abordagem de Lacan visa tomar pelo avesso a doutrina comum. Ele o diz mesmo com muita afetação, e isso tem tanto mais interesse uma vez que vocês se lembram do condensado clínico que Lacan propõe sobre a perversão em sua "Questão preliminar a

todo tratamento possível da psicose”: “Todo o problema das perversões consiste em conceber como a criança, em sua relação com a mãe, relação essa constituída na análise, não por sua dependência vital, mas pela dependência de seu amor, isto é, pelo desejo de seu desejo, identifica-se com o objeto imaginário desse desejo, na medida em que a própria mãe o simboliza no falo”¹⁰. Em outras palavras, se Lacan zomba dessa doutrina admitida no texto que nos ocupa, ele próprio, nesse resumo fulgurante da “Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” põe em evidência a preponderância da relação com a mãe. Vocês veem aqui verificada, uma vez mais, esta pequena chave de interpretação que eu lhes dei há pouco, a saber: quando Lacan insiste um pouco pesadamente sobre os erros grosseiros que não se deve, é necessário se perguntar se ele próprio não o teria cometido algum tempo antes, se não é contra sua própria posição que ele se insurge. Isso deve ser tomado aqui de maneira relativa, veremos o porquê na sequência.

Haveria certamente muito a dizer sobre tudo o que constitui a primeira parte do texto, antes da questão: “Que foi para esta criança sua mãe?”. Mas tomarei as coisas a partir dessa questão, porque ela nos põe em comunicação direta com o caso de Gide, e não simplesmente com o texto de Lacan e a abordagem de Delay.

Isso não quer dizer que seja necessário negligenciar o que precede, pois eventualmente poderemos retomá-lo depois. Para dizê-lo depressa, Lacan formula explicitamente que Delay foi enganado por Gide. O psicobiógrafo foi previsto pelo autor que já havia destinado o lugar de seu parceiro a vir, o qual vem como seu complemento. Lacan faz pairar sobre o caso Gide, caso textual e não de análise, e sobre o material do caso, uma suspeita de inautenticidade. Indica que a seu ver, mesmo os pequenos papéis de Gide, sua correspondência, e mesmo suas notas de açougue ou de

lavanderia, o menor traço que depositava sobre o papel, no momento mesmo que o escrevia, estava sem dúvida acordado para fazer parte desta juntada moderna que são as obras completas. A posição de Lacan vai então bastante longe. Não é simplesmente uma notação do tipo "vou ser mais esperto que Delay" que com efeito percorre todo o texto, ao mesmo tempo que ele homenageia, com justa razão, o trabalho de Delay. Não é simplesmente a ideia de ultrapassar o detetive precedente, quer dizer, de tomar a mesma posição de Dupin em "A carta roubada". Dupin é aí o não-tolo suposto, é por isso que se chama Dupin, aquele em relação ao qual os outros detetives são tolos, com a ideia de que no fim, há ainda alguma coisa que ele não vira. Lacan vai além do que concerne a Delay, a desconfiança é lançada sobre o conjunto dos materiais de que dispomos.

Ele não se ocupa com o conjunto da clínica de Gide, mas unicamente com o problema que ele traz, da relação do homem com a letra. Ainda uma vez, o que faz esse escrito é o autor do seminário sobre "A carta roubada" e "A instância da letra", quer dizer, alguém que se colocou eminentemente a questão do destinatário. Sua desconfiança diz respeito precisamente ao destinatário de toda a obra e de toda a correspondência de Gide, desta enorme massa que hoje continua a ser editada¹¹. É necessário supor que esse destinatário existe, porque não são filantropos, aqueles que editam essa correspondência com o concurso, é verdade, do Centro Nacional de Letras. Quer dizer que a máquina para nos renovar a imagem de Gide e para extrair de sua reserva pequenos papéis tem ainda uma certa pregnância sobre todo um setor da opinião francesa e francófona. Tenho o sentimento de que isto se estiola um pouco, mas fico surpreso com a acolhida que lhe é dada.

A tese de Lacan é que o destinatário desta massa de escritos é Delay e os que vão se seguir nessa questão: "era no psicobiógrafo que suas notinhas encontrariam sua

destinação de sempre"¹². Da mesma maneira que toda a questão de "A carta roubada" repousa sobre a questão de saber quem é o destinatário dessa correspondência, estamos aqui diante de uma questão que não é anedótica ou periférica, a de saber para quem Gide escreve, mesmo quando escreve a sua mãe. A desconfiança de Lacan é que, talvez ele já escreva para Jean Delay, e para nós todos.

Essa não é uma tese incerta/aventureira, ela tem seu fundamento no que é formulado pelo próprio Gide: "viver sua vida do ponto de vista em que ela será escrita". Não se pode dizer que na sua vivacidade, tudo o que se lê na correspondência de Gide com sua mãe dá o sentimento de estar excessivamente afetado por essa preocupação? Em todo caso, eis uma correspondência cuidadosamente conservada. Para que de oitenta e oito anos, elas nos cheguem, é necessário que desde o início se tenha guardado essas cartas. Não há dúvida que escrevendo a sua mãe, que tinha por ele, é o mínimo que podemos dizer, ambição, Gide escrevia a alguém que ele sabia ser mulher de fazer dossiês com sua escrita, pois ela já o fizera com seus pequenos trabalhos anteriores. Se então eu remeto as primeiras páginas de Lacan a uma espécie de periferia da clínica, a ser retomada mais tarde - esta discussão sobre o que é a literatura, sobre o que a psicanálise pode sobre ela, etc. - eu seguramente o farei não para este ponto, sobre a autenticidade ou a inautenticidade da escrita de Gide. Isso dá muito mais valor ao tema mesmo da máscara que percorre todo esse escrito com a tese: "respeitemos a máscara".

O que concerne à máscara é bastante complexo, mas remete no fundo a uma proposição simples: somos enganados pela máscara se vamos procurar atrás. A proposição "detenhamo-nos aí e olhemos a máscara" é quase recorrente nesse texto. A verdade da tela não está atrás, está na frente, é o que está em oposição a toda psicologia e a toda psicanálise das profundezas.

Trata-se para nós de ver porque essa proposição é assim recorrente. Dois temas o são: a máscara e a sombra. A questão para Lacan é saber em quê o que diz Gide é verdade e não uma fabricação. Caso se trate de inautenticidade, não seria a inautenticidade histórica, profundamente dubitativa sobre sua própria verdade, e na qual o verdadeiro se enrola no falso de uma maneira que o próprio sujeito sofre e deixa ouvir uma queixa. Se houvesse aqui uma inautenticidade seria aquela da fabricação. Aí está ainda um tema constante desse escrito: o que é fabricado, o que é composto, o que é construído. É, aliás, assim que Delay nos apresenta Gide, como o filho de suas próprias obras, no que concerne ao que se trata de representar. Aí reside toda a ambiguidade da famosa palavra de ordem de Gide, que era para ele como que um segredo que Henri de Regnier arrancou dele, colocando-lhe de maneira um pouco brusca a pergunta: "Qual é o seu princípio em tudo isto?". Gide um pouco confuso solta: "Devemos todos representar", como se desvelasse um segredo - a frase figura aliás em *Paludes*. Nesse "devemos todos representar" há a ideia de produzir, de criar personagens, de não escrever apenas ensaios, de não articular apenas ideias, mas de fazer mover figuras no imaginário. Além do mais, há a noção de uma representação, de um parecer composto de desígnio.

Eu estou sempre no ponto preliminar que eu extraio do começo da abordagem de Lacan, que concerne à clínica e não simplesmente à posição justa em crítica literária, a saber: com que medida de verdade avaliar a fabricação de Gide? Ela não pode se fazer como quando o indivíduo nos traz o sujeito em pessoa. A tese da máscara nesse texto é fundamental para esta abordagem: tomar tudo, inclusive a máscara, literalmente, porque a máscara, longe de mascarar o segredo, é ela própria o segredo. A máscara desvela. Ela própria é o segredo que se vai buscar por trás dela. A máscara é o significante que faz dizer: "o segredo está

atrás". É no que ele é enganador. Ao mesmo tempo, ela revela o segredo, ela é sua evidência.

Proponho portanto que para avançar, tomemos a problemática: "Que foi para esta criança, a mãe?". Porque essa é a questão clínica do caso, e que vemos de fato em que sentido ela ecoa a tese clássica sobre a homossexualidade, e em que sentido ela a modifica. Ela ali faz eco porque diz respeito à mãe, qualquer que se tenha, mas ela a modifica, já porque se trata desta mãe, da mãe desta criança, arrancando-nos assim do universal da mãe. É a questão dominante desse texto porque o "trio das magas" que evoquei da última vez procede da "mãe desta criança".

Notemos que na ordem, a abordagem clínica de Lacan - já que é o que retenho por ora, para compará-la com a de Delay - apresenta primeiramente um retrato do pai pouco explícito, embora não se possa dizer que não houve relação com o pai em Gide. Pelo contrário, o acento é colocado sobre a aura de que esta imagem encontra-se envolta para sempre, já que é evocada com respeito, e mesmo com nostalgia, em *Si legrain ne meurt*¹³. Isso se passava no quarteirão em que estamos, já que a família Gide habitava a rua de Médicis: "Meus pais ocupavam, então, na rua de Médicis um apartamento no quarto andar, que deixaram alguns anos mais tarde e de que não conservei a lembrança. Vejo, no entanto, o balcão, ou melhor o que se via do balcão, a praça de relance e o esguicho de seu lago"¹⁴. Aliás, a *Nouvelle Revue Française* foi criada no 78, Rue d'Assas. Estamos no perímetro em que estes acontecimentos se desenrolam, e isso dá o sentimento de prosseguir como Delay, com o que Gide dispôs para fascinar as gerações futuras - talvez de maneira menos viva que Joyce.

Gide evoca então seu pai, e a felicidade que experimentava em ir ao Luxemburgo com ele, enquanto sua mamãe argumentava que ele já saíra muito tempo ou que ia pegar frio - eu floreio um pouco, mas evoco esse retrato do

pai para acentuar sua presença. Mesmo se temos um pai que ocasionalmente se fecha no seu escritório de trabalho, e não quer sobretudo que *madame* Gide aí coloque os pés, porque tem ali um domínio preservado, com "uma grande tela de chaminé" - o que deve ainda ser colocado no registro da máscara - não é absolutamente um pai ausente.

Mas o retrato dele que é fornecido aqui por Lacan é curiosamente pouco explícito, com relação ao que vamos ver se destacar como as figuras femininas dessa história, que são de fato talhadas com traços duros, proeminentes. "O trio das magas", como eu o dizia da última vez, representa o eco da notação que vem no texto sobre *Lady Macbeth*¹⁵, ele é o eco do trio das feiticeiras que anunciam a Macbeth o que será seu destino. Com relação a essas figuras, a imagem do pai está pintada em tons pastel. É o que muito discretamente Lacan indica, mesmo se podemos colocar no primeiro plano a veneração pelo pai. O termo é de Lacan: "É pela confissão velada de uma máxima perdida num caderno íntimo de Paul, pela ênfase retransmitida da boca de Gide sobre sua veneração filial - uma das raras referências de Jean Delay a suas próprias lembranças - que a imagem do pai, envolvente, aparece"¹⁶.

Notem de passagem que na mesma página, a doutrina que Lacan tira dos documentos que tem sobre o ascendente paterno é a "incubação por seu pai do concurso de Paul Gide". O pai de Gide, catedrático de Direito que ensina na faculdade, é incubado por seu próprio pai. É um pai incubado. É preciso ver que a veneração não é absolutamente a posição normatizada - se existe uma - do pai. A questão clínica a colocar não é a de saber o que está presente ou o que está ausente, o que é venerado ou o que é maldito - um pai detestado faz seu trabalho muito bem - mas de saber onde no casal se situa a autoridade. A veneração do pai absolutamente não substitui uma autoridade que não tem necessidade de ser venerada. Ora, parece que no casal Gide,

qualquer que seja a presença do pai, por mais terno que ele seja, e constituindo objeto de uma nostalgia, ela nada tem a ver com o que se trata de maneira operatória.

Retormemos a nossa questão: "o que foi para esta criança sua mãe?". Desde logo, a função da mãe constitui o objeto de uma questão, o que não é o caso da função do pai. "Quem foi o pai para esta criança?", o dossiê se fecha bem depressa com o joguinho antes inepto que faz o jovem Gide com seu papai: o dragão de papel que o vento vai levar até o lago. De imediato, a função do pai como amiguinho é precisada, enquanto a mãe - aí reside o pivô - é introduzida por uma questão.

Podemos já fazer variar essa questão nestes termos: "Que acesso à mulher esta mãe permitiu a este sujeito?". Todo o interesse dessa variação é que dela se obtém uma resposta sem equívoco: ela lhe permitiu o acesso a uma só mulher. É necessário acrescentar essa precisão no amor, porque Gide teve aventuras femininas, quer seja a primeira com Meryen, ou mais tarde com a "pequena dama", mãe de sua filha. Não sei se foi contado o número destas aventuras que são bastante limitadas, mas o *uma só mulher* está no registro do amor. Não se pode dizer que Lacan ponha verdadeiramente em causa, malgrado esta fanfarrice um pouco chamativa da qual faz alarde, o fato de que foi finalmente a mãe de Gide que determinou seu acesso a Madeleine. É aqui que o título do romance de Gide adquire seu sentido - a porta é de fato estreita para o outro sexo.

Pode-se então dizer que a questão clínica do caso é a seguinte: partindo da prevalência, a predominância da relação com a mãe, como dar conta dessa escolha amorosa única de Gide, concentrada sobre Madeleine?

Gide não entrou em análise, foi, antes de se casar, consultar uma sumidade da medicina, para lhe explicar que ele tinha alguns interesses do outro lado - no livro de Delay, é o capítulo da consulta que Lacan louva

especialmente -, e o médico lhe diz: "Case-se sem medo, e você vai reconhecer bem depressa que todo o resto só existe em sua imaginação [...]. O que é o instinto natural, quando você estiver casado, você irá rapidamente compreendê-lo e muito espontaneamente retornará a ele"¹⁷. São os termos que são reproduzidos na narração mesma dessa consulta.

Poderíamos dizer que a questão é de saber como a relação parental determina uma relação entre o sujeito e o Outro sexo. A relação parental existe, como eu o indiquei no ano passado, marcando que a fórmula da metáfora paterna deve ser articulada com a da relação sexual, que não existe. Escrevi da forma mais simples: $P \diamond M \rightarrow \$ \diamond As$. O 's' está aí para qualificar o Outro de sexuado. Se queremos escrever o Outro sexo Δ , suprimiríamos este pequeno 's'. Estamos aqui em preliminares, apenas para fixar nossas ideias.

Em que a relação parental determina o acesso do sujeito ao Outro sexo, e que acesso ela determina? Esta questão clínica é central mesmo e sobretudo nos homossexuais.

É a boa questão clínica, a que se coloca a partir da abertura ao Outro sexo, para saber, por exemplo, se há ou não porta estreita. Esta relação eterniza, fecha a relação com o Outro sexo, ou sob que espécies ela o abre? Quanto a isso o pivô simbólico é o Outro sexo, e sobretudo nos homossexuais.

Prosseguindo assim uma *démarche* clínica a partir das notações que temos, não podemos deixar de chegar ao questionamento da relação do desejo e do amor. Essa problemática não é o feito de Lacan, ela já está notavelmente isolada por Delay de maneira totalmente explícita: "esta divisão, ou mais precisamente esta dissociação entre o amor e o desejo"¹⁸. A colocação clínica de Lacan nesse texto comenta as modalidades desta "dissociação do amor e do desejo". A tese das duas mães,

que pode parecer paradoxal, vem diretamente do levar em conta a dissociação do amor e do desejo - há uma mãe para o amor, outra para o desejo. A questão: "O que foi para esta criança sua mãe?", repercute essa dissociação. A dissociação dessas duas funções que deveriam ser associadas, faz ver que o segredo, do lado materno, da metáfora paterna, é "a associação" do amor e do desejo, e que o traço do caso Gide reside na dissociação desses dois termos.

Lacan se apropria do diagnóstico de Delay. Seguramente ele opera sobre o amor e o desejo uma construção inteiramente diversa. Delay emprega de fato a linguagem de Gide: "o amor coisa da alma, o desejo coisa dos sentidos". Desde aí, nos apercebemos que o Lacan desse artigo não operou por sua conta a dissociação do desejo e do gozo. Iremos portanto tentar falar de tal maneira que essa não-dissociação não constituía grande dificuldade.

"Dissociação que Gide deveria considerar como uma particularidade essencial de sua psicologia. Para o adolescente de *Si le grain ne meurt*, formado por uma educação puritana, tudo o que vem da carne vem do demônio, e ele não pode misturar o desejo, quer dizer o mal, a um amor angélico sem uma impressão de sacrilégio". Temos aí um diagnóstico preciso, que de modo exato, conduz Delay a mostrar que o que se engendra para Gide é uma imagem ideal, capaz de suportar um amor desencarnado, não misturado à carne, um amor que realiza a dissociação do amor e do desejo. Ele não hesita em empregar - talvez sem o rigor que se poderia exigir - o termo "sublimação mística", a respeito do amor que se deduz dessa dissociação, até notar o caráter narcísico dessa imagem, a saber, a figura ideal, idealizada, do que Gide gostaria de ser.

Evocamos o amor cortês, Lacan o evoca certamente, mas o primeiro a fazê-lo é Delay: "E ele me diz atribuir uma importância muito particular ao livro de Denis de

Rougemont, *L'amour et l'Occident*, no qual se encontra exposta uma concepção notavelmente original do mito de Tristão. Foi aí, acrescenta ele, e não nas obras dos psicanalistas, que encontrei a explicação de alguns de meus erros, e dos mais antigos"¹⁹. Temos em seguida algumas páginas sobre o trovador, sobre uma figura de fidelidade que não é a dos corpos, sobre a embriaguez angélica, etc. Portanto, os temas que encontramos nos textos de Lacan estão presentes, muito bem situados, em Delay. A determinação do objeto do amor que resulta desta dissociação no caso de Gide é, já para Delay, fiel a Gide, qualificada de anjo. Podemos então dizer que isto faz um par com o objeto de desejo que vai ser produzido do outro lado, isto é, o pequeno pivete. O objeto do desejo de Gide é o garotinho de pele morena, etc. Mas na composição do desejo também é necessário, sobretudo, que ele não pense com a fascinação própria a isso; é necessário que tudo o que constitui a ocupação de Gide, por outro lado, não signifique nada para esse objeto.

A destilação que é efetuada antes, essa dissociação do amor e do desejo, produz de um lado um objeto amoroso especialmente elevado, o anjo, cuja capa cairá sobre Madeleine - que não pedirá tanto, ou que pedia o contrário, isso é, para ser vista. Lacan tem uma tese sobre o casamento não consumado que não é a de Delay: "Que Madeleine quis o casamento casto, eis algo sobre o qual o livro não deixa dúvida"²⁰. Ora, o livro de Delay diz exatamente o contrário: discretamente, com os meios de uma feminilidade inibida, ela tentava de qualquer maneira despertar o senhor. Em que nível está então esse querer quando Lacan diz "que ela quis?". Pois está claro que ela tinha disposições para essa posição do anjo.

"Quem faz o anjo faz a besta". "Quem faz o anjo do lado do amor faz a besta do lado do desejo". Podemos ver avançar de braços dados, ou com os braços sobre os ombros

um do outro, o anjo e o pequeno fauno, que aliás fascina Gide, e sobre o qual a descrição de Lacan é total. Lê-se simplesmente: "as suplicantes delícias das quais a confissão que Gide nos fez [...] corresponde bem ao que ele apenas mal dissimulava de suas fascinações mais febris"²¹. Os olhos lhe saíam das órbitas no momento em que ele via este objeto de gozo - mas conservemos aqui o termo de desejo - este objeto de desejo passar a seu alcance; e "febril" é uma maneira doce de descrever essa captação que é notada por Madeleine e que ele próprio indica. Gide, com efeito, não esconde nada.

Notamos portanto que essas duas figuras fazem um par, e que o diagnóstico de "dissociação do amor e do desejo" é a chave da construção lacaniana do caso. É por essa razão que ele coloca a questão: "O que foi para esta criança sua mãe?". Esta mãe não pode enlaçar o amor e o desejo - é por isso que, mesmo se isto pode fazer rir um pouco, Delay chama Gide, no capítulo da sexualidade, um "angelista", e cria assim a categoria dos que amam os anjos. Ele nota que a dissociação do amor e do desejo é suscetível de muitas soluções diferentes das quais uma é a prevalência do onanismo. A partir do momento em que o amor deve conservar seu lugar desencarnado, bater em sua carne é, com efeito, uma solução. A sexualidade homossexual de Gide é antes de tudo uma sexualidade masturbatória. Esta sexualidade é dedutível da fórmula inicial - a ponto que o próprio Gide, Delay o cita - dizia quando já tinha uma certa idade: "Neste plano, sou apenas uma criancinha que se diverte"²², que se diverte com seus amiguinhos, mas com uma prevalência do elemento masturbatório.

Eu citava o tomo 1 de Delay, mas no tomo 2, ele retoma a questão dessa dissociação, do amor e do desejo - que eu repito até perder a voz ou não poder, porque nos dá dois termos absolutamente essenciais e simples na construção do caso, num texto, que pelo contrário, é muito mais complexo.

Ele escreve: "Não está excluído o fato de que Gide tenha podido traduzir a dissociação do amor e do prazer, da mesma maneira que Baudelaire, enamorado platônico de uma mulher ideal que ele reverenciava como 'um anjo guardião, a musa e a madona', mas que tinha seus prazeres junto a Jeanne Duval ou a outras garotas". O autor de *Fleurs du mal*, amante de prostitutas, não era mais capaz de misturar a "honestidade" a seus prazeres físicos do que Gide, capaz também ele de desejar uma mulher, mas com a condição de que "nada de intelectual nem de sentimental aí se misturasse"²³. De minha parte aprecio o termo "tradução" que emprega Delay - esta dissociação do amor e do desejo é suscetível de outras traduções. Evidentemente esse tema de dimensão um tanto ampla, diz respeito à degradação da vida amorosa - de que temos uma variante homossexual no caso de Gide.

Delay faz uma notação sobre a escolha de objeto homossexual. Leio esta passagem, que explora um fragmento dos *Cahiers de André Walter* onde ele acessa as fantasias sexuais de Gide e destaca as características de seus objetos: "No riacho eu revia as crianças percebidas de que ali se banham e mergulham seu torso frágil, seus membros queimados de sol nesta frescura envolvente. Raivas me tomavam por não ser um deles, um desses moleques das grandes estradas, que o dia inteiro vadiam ao sol, a noite se estendem numa vala sem preocupação com o sol ou com as chuvas: e quando têm febres, mergulham, inteiramente nus, na frescura dos rios [...]. E que não pensam".

Gide que foi uma criança sedentária, tem a nostalgia do vagabundo. Menino de família, estreitamente vigiado por sua mãe, tem predileção pelos bastardos. Ele que na sua juventude só conhecera o prazer solitário, às voltas com a angústia, o remorso e a culpa, o vadio lhe pareceu um parceiro, ou mais exatamente um duplo infantil, tanto mais desejável porque sendo um vadio, estava por definição desprovido de valores morais e não pensava. Este privativo

é talvez, da frase de André Walter, o detalhe mais significativo. O que este puritano desterrado quererá, antes de tudo, sob o céu da África no bando de vadios que o acompanha, é a despreocupação, a espontaneidade do instinto, a ausência de coerção e de inibições. Porém há mais na fantasia de André Walter, na qual se encontra apenas indicado o aspecto mais perturbador da sexualidade de André Gide: "Diante de meus olhos se balançavam primeiro indecisas, as formas macias das crianças que brincavam na praia e cuja beleza me persegue: queria me banhar também, perto delas, e com minhas mãos sentir a doçura das peles morenas"²⁴.

Veremos Delay seguir essa dissociação do amor e do desejo, suscetível de várias traduções, e sua apresentação da sexualidade de André Gide, como uma variante homossexual da degradação da vida amorosa. Acrescento que a notação mesma de Lacan, "esta criança" está presente no livro: "Sabemos muito bem que há mais de um modo de amar demasiadamente uma criança, e entre as mães de homossexuais também"²⁵. Essa notação se deve então a Delay e ao próprio Gide, em *Corydon* - este extraordinário elogio da homossexualidade que tenta encontrar para ela um fundamento biológico natural, preocupação que não é a nossa, mas Gide tentava justificar a homossexualidade na ambiência científica da época. De uma maneira bastante irresistível, ele faz a consideração de que a homossexualidade conhece todos os graus e todas as nuances do laço heterossexual.

Uranismo, uranismo! Sejamos claros, é um pedófilo. Um pedófilo que não conseguiu entrar na Academia Francesa, porque a pedofilia é uma figura geralmente maldita, considerada com reprovação. Assim como, socialmente, o invertido pode se beneficiar de uma tolerância relativa, ao menos em certos setores, da mesma forma há uma caça ao pedófilo. Ainda bem recentemente li no *Internacional Herald Tribune* a detenção de um pastor americano pedófilo que confessa cem

corrupções de garotinhos, mas segundo os inspetores do FBI, estaria mais perto de oitocentos. Na verdade só Gide pode obter, na falta da Academia Francesa, o prêmio Nobel. Quanto à tolerância a este respeito, podemos imaginar uma mãe dando uma palmada em seu garotinho dizendo-lhe - "Você deveria ficar honrado que o senhor Gide se interesse por você!". Existe aí todo um capítulo que não foi escrito, tanto sobre a caça ao pedófilo quanto à tolerância da sedução das crianças, ao menos quando o sedutor ocupa uma certa posição social.

Seria divertido por em série o caso Gide e o caso Montherlant - que caminhava pelo boulevard Bonne Nouvelle, pelos grandes *boulevards*, o Marrocos, a Argélia, a Andaluzia, etc., a procura de rapazes muito jovens e, dessa vez, não para pequenas carícias íntimas, mas para sodomizá-los. Nós o sabíamos, mas isso foi exposto pela publicação inaudita de sua correspondência com Roger Peyrefitte, na qual os vemos ao longo das páginas trocar em linguagem mais ou menos cifrada, considerações sobre o número de meninos que eles tiveram durante a semana e o número de vezes em que os penetraram. Compreende-se então a importância que Montherlant concedia ao fato de ter boas relações com o chefe de polícia.

No que concerne Montherlant, estamos informados quanto às suas relações com sua mãe, embora menos do que quanto a Gide. Temos notações que ele próprio acabou por publicar, sobre o fato de que todos os grandes temas de sua obra literária vêm do que sua mãe lia para ele quando ia se deitar. *Quo Vadis*, que foi a grande leitura de sua infância, que dirigiu toda a sua existência, fixou-se para ele neste momento. Um encontro decisivo foi o episódio do Liceu, que ele contou em *Les garçons*, e que nunca deixou de remanejar na sua obra, quer seja no teatro, em *La ville dont le prince est un enfant*, ou nos seus romances.

Teríamos o caso Gide, o caso Montherlant e para fechar

a tríade, o caso Proust - que é aliás assinalado por Delay - onde está em jogo uma relação específica com uma mãe e uma posição homossexual distinta das duas precedentes. A grande literatura francesa deste século nos oferece um prestigioso ternário, uma importante colheita, três casos de homossexuais, três relações com a mãe que poderíamos fazer contrastar uma com a outra. Não falo de Julien Green, que quase não abordei, nem de Mauriac, que se confessou pouco quanto a isto, ao menos ao leitor.

Tomemos agora o que Lacan diz da mãe de Gide. Ele decifra da maneira mais clara - se bem que seja formulado com delicadeza - sua posição subjetiva a partir da homossexualidade feminina. Ele decifra a relação privilegiada da mãe com a famosa Anna Shackleton como uma paixão cujas bases vão bem fundo. Para servir de revelador, ele põe essa relação em paralelo com esta passagem bem surpreendente de *Si le grain ne meurt*, onde o pequeno Gide escuta a grande queixa das duas empregadas que têm uma relação homossexual, no momento em que uma se vai porque se casa. Isso se passa na Rua de Tournon, "Meu quarto, eu o disse, dava para o pátio, a distância; era bastante grande [...]. É necessário ainda que eu diga que nossa cozinheira que se chamava Delphine, acabava de ficar noiva do cocheiro de nossos vizinhos no campo. Ela ia deixar nossa casa para sempre. Ora, na véspera de sua partida, fui despertado, no meio da noite, pelos mais estranhos ruídos. Ia chamar Marie (que era a outra empregada) quando me dei conta de que os ruídos partiam exatamente de seu quarto: de resto eles eram bem mais bizarros e misteriosos que aterrorizantes. Dir-se-ia uma espécie de lamentação a duas vozes, que posso comparar hoje a das carpideiras árabes, mas, que na época não me pareceu semelhante a nada: uma melopéia patética; cortada espasmodicamente de choros, de risinhos abafados, de suspiros, que durante muito tempo eu escutei meio acordado no escuro. Sentia que inexplicavelmente alguma

coisa se exprimia ali, mais poderoso do que a decência, que o sono e que a noite; mas existem tantas coisas que nesta idade não se explica, que, por minha fé, eu adormeci de novo, deslizando-me mais ao longe. No dia seguinte, eu liguei bem ou mal este excesso à falta de educação das empregadas em geral, de que eu acabara de ter um exemplo na morte de meu tio Démarest"²⁶. Ernestine também tinha chorado no momento do luto, mas ele não compreendia que era em função dos outros, enquanto que ali, Marie chorava porque pensava não ser vista pelos outros.

O que aqui é evocado por Gide, é a relação homossexual que se desfaz porque uma vai partir, Lacan o põe explicitamente em paralelo, um paralelo a *la Marivaux*, com a relação tão próxima de Anna Shackleton e de Madame Gide.

Ele o introduz inclusive por um "Ao que corresponde, como fazem em Marivaux as diabruras das criadinhas espertas ao *pathos* dos sublimes"²⁷. O que ele nos indica? Que na mãe, o falo não tem, sem dúvida, o lugar que deveria ter para assegurar o funcionamento ótimo da metáfora paterna. É justamente o que vem modificar "todo o problema das perversões", quando se trata de Gide, na medida em que "o problema das perversões" supõe que a mãe simboliza o objeto de seu desejo no falo. Ora, o que Lacan diz neste parágrafo, de maneira velada, é precisamente que a mãe de Gide não simboliza o objeto de seu desejo no falo - ou então, trata-se de um falo bem particular. É por isso que sua posição é a do *amor* do filho único, enquanto justamente, amor, existe mais de um, inclusive para uma mãe de homossexual.

O amor de que se trata aqui não é um amor enlaçado ao desejo enquanto simbolizado pelo falo. Se quiserem um modelo de amor enlaçado ao desejo, que situe a criança em seu lugar de criança desejada, temos um exemplo dele no traço de perversão do pequeno Hans, que viria do fato dele funcionar como uma parte do corpo da mãe, exibindo-se

diante dela, etc. Aqui, nada disso. Há como que uma maldição que pesa sobre Gide, cujos testemunhos abundam, desde a consideração de Mauriac - "ele era inteiramente desprovido de graça" - até a de Henri de Regnier que o apelido de Ci-Gide. Um ar fúnebre devia envolver sua pessoa. É que Gide não é a criança desejada, não é a criança falicizada. Pelo contrário, temos uma resposta muito precisa à questão: "Qual é este amor?". Ela mostra em que sentido ele é exclusivo, até que ponto o singular do amor coloca uma questão. Pois é um amor identificado ao dever.

Temos então uma dissociação do amor e do desejo: amor//desejo, e por outro lado uma identificação ao dever: amor \equiv dever, mais precisamente ao mandamento do dever. A palavra mandamento retorna em Lacan, quando se trata do mandamento das leis da palavra, por exemplo. Esta palavra, seguramente, visa o supereu, que não é simplesmente a lei, mas o aspecto que ela toma quando é sustentada por uma voz.

Naturalmente existem outros amores além deste. Conhecemos bem melhor o amor contra o dever - aquele do qual o romance do século XIX faz seu tema: por exemplo, o casamento é prescrito pelo funcionamento social, enquanto que o amor puxa em outra direção. Uma ilustração típica poderia ser o fim do *Vermelho e o Negro*. Uma posição social é permitida a Julien pelo seu casamento, e o apelo da primeira mãe, se posso dizer, de Madame du Renal, torna-se tão forte que lhe é necessário tentar matá-la para, por fim, amá-la. Neste momento eclode a dissociação do amor e do desejo - ao menos do amor e do social. Portanto o amor contra o dever nos é muito mais familiar - por exemplo, o amor identificado ao perdão: enquanto a justiça condena, o amor resgata, fecha os olhos, sublima. Ou ainda, um amor identificado com a transgressão.

Poderíamos referir a perversão a um amor materno que encoraja a transgressão, que mina a palavra paterna, a qual

deveria sustentar o dever. Pode-se muito bem ter um amor materno identificado à ternura, à doçura, ao contato, na vertente do erotismo, como em Proust. O objetivo era todavia obter, transgredindo, que sua mãe viesse reunir-se a ele em seu quarto, que o beijasse, que o abraçasse, e sabemos nas relações de Proust com sua mãe, este caráter de envolvimento erótico. O amor materno inclui aqui uma componente erótica. A mãe de Proust não é uma puritana, ela se faz sentir, se faz tocar, acariciar. Ora, aqui, Lacan desenha uma madame Gide mulher do dever, cujo amor por seu filho único é envolvente, mas totalmente identificado ao dever. Não há absolutamente em Gide essas notações de contato furtivo, de abandono recíproco, de embriaguez pelo corpo de mulher da mãe.

Temos aqui então um ternário: amor, desejo e dever. O avesso da identificação do amor e do desejo é a identificação do amor e do dever, com esta consequência que é absolutamente precisa e situada como tal por Lacan, da negação do gozo.

A formulação de Lacan, que "o amor permite ao gozo condescender ao desejo", é quanto a isso uma proposição surpreendente, que só tem sentido se restituir que o gozo é do Um enquanto que o desejo é do Outro, que é necessário o amor para que a mônada do gozo ceda e se abra aos dissabores e labores da relação com o Outro. Esta frase nos situa o amor como mediação entre o gozo e o desejo. Neste sentido - para retomar um termo que está em um outro lugar no texto de Lacan - o amor humaniza o gozo. Há aqui de fato invólucro do amor, expressão de Gide, retomada por Lacan em *Si le grain ne meurt*. No momento em que o pai morre, ele diz que está "preso, no invólucro de seu amor" - e a mãe é toda dele. Ora, o princípio fálico do desejo comporta precisamente que a mãe não é toda da criança, ele desfaz o invólucro do amor. A mãe de Gide é tão "toda para ele - temos aqui a mulher toda" - que com efeito, o sujeito Gide

reproduz sua abnegação do gozo na sua relação com Madeleine, e que ao mesmo tempo, o gozo que lhe resta está estritamente fora da lei. O clandestino do desejo que nos assinala Lacan é o resultado dessa disposição.

Disse de passagem "toda para ele" porque se existe de verdade um caso, onde está claro que A Mulher existe, é de fato este. Este caso de perversão ilustra, que para Gide ao menos, A Mulher existe. Há uma conexão - é necessário estar cego para não vê-lo - entre a homossexualidade e o amor único. É clinicamente frequente que o comportamento homossexual masculino seja compatível com o *ao menos uma mulher*. Permitam-me simplesmente, a esse respeito, após Gide e Madeleine evocar Aragon e Elsa. Não há dúvida que os mandamentos do dever estavam para Aragon absolutamente situados em seu lugar, mas apenas Elsa deixou este mundo, viu-se ressurgir um Aragon a quem tudo era permitido, e, para surpresa da sociedade parisiense, de um só golpe, ele só era visto com rapazes.

Eis então um caso - e é necessário tirar dele todas as consequências - no qual A Mulher existe. É a mãe Gide e em seguida Madeleine reduzida ao singular, enquanto que os garotos estão no plural. Não há nada como o homossexual para fazer existir A Mulher, donde o interesse que aí encontra em dada ocasião a mãe neurótica.

Continua no próximo número.

*Tradução: Manoel Barros da Motta
Revisão da versão original: Vera Avellar Ribeiro
Revisão desta publicação pela comissão da revista*

¹ Este texto que apresenta o artigo *princeps* de Jacques Lacan "A juventude de Gide ou a letra e o desejo" (1958) é a transcrição de quatro sessões, no fim do ano de 1988, do seminário de estudos aprofundados de Jacques-Alain Miller. A escolha do tema não deixava de se relacionar com a ocorrência do Encontro Internacional do Campo Freudiano que iria ter lugar em Paris em julho de 1989 sobre o tema traços de perversão. Foi publicado

originalmente em *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 22, agosto de 1998. Optamos por dividir o texto em duas partes nesta segunda edição em *Opção Lacaniana Online nova série*. Desta forma, este número 17 traz as duas primeiras sessões e o número 18 trará as outras duas.

² DELAY, J. (1958). *Le journal*, tomo I. Paris: Gallimard, p. 241.

³ LACAN J. (1998[1958]). "A juventude de Gide ou a letra e o desejo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 757.

⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 763.

⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 762.

⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 749.

⁷ IDEM. *Ibid.*, p. 768.

⁸ IDEM. *Ibid.*, p. 759.

⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 756.

¹⁰ IDEM. (1998[1957-1958]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Op. cit., p. 562.

¹¹ Assinalemos ainda, julho de 1993, a correspondência com Jean Schlumberger.

¹² LACAN J. (1998[1958]). "A juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op. cit., p. 754.

¹³ GIDE, A. (1954[1939-1949]). "Si le grain ne meurt". In: *Jour La Pléiade*. Paris: Gallimard.

¹⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 349.

¹⁵ LACAN J. (1998[1958]). "A juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op. cit., p. 757.

¹⁶ IDEM. *Ibidem*.

¹⁷ DELAY, J. (1958). *Le journal*, tomo II. Paris: Gallimard, p. 517.

¹⁸ IDEM. (1958). *Le journal*, tomo I. Op. cit., p. 362.

¹⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 505.

²⁰ LACAN J. (1998[1958]). "A juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op. cit., p. 765.

²¹ IDEM. *Ibid.*, p. 753 e 754.

²² DELAY, J. (1958). *Le journal*, tomo II. Op. cit., p. 523.

²³ IDEM. *Ibid.*, p. 545.

²⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 540.

²⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 521.

²⁶ GIDE, A. (1954[1939-1949]). "Si le grain ne meurt". Op. cit., p. 385 e 386.

²⁷ LACAN J. (1998[1958]). "A juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op. cit., p. 760.